

EM QUEM DEPOSITAMOS A NOSSA CONFIANÇA?



“Então se dirá: Onde estão os seus deuses, a rocha em que se refugiavam, os que comiam a gordura dos seus sacrifícios e bebiam o vinho das suas ofertas de libação¹? Que eles se levantem e venham ajudar, para que tenham agora um refúgio. **Vede agora que eu, eu o sou, e não há outro deus além de mim.** Eu faço morrer e faço viver. Eu firo e curo; e não há quem possa livrar-se da minha mão.” (Deuteronômio 32.37-39 – Almeida Século 21)

Em 27/08/2011, em Madri, um caminhoneiro que fazia uma peregrinação para agradecer à Virgem dos milagres de Caión, por ter sobrevivido a um acidente de trânsito, morreu ao ser atropelado por um carro. O caminhoneiro espanhol de 40 anos seguia a pé por uma estrada secundária com um

grupo, no qual estavam duas tias, também falecidas, em direção a Caión, a 30 quilômetros de Ordes. Ele caminhava para agradecer por ter sobrevivido a um acidente de trânsito, mas com menos de um quilômetro de peregrinação o grupo foi atropelado².

Em vez de depositar confiança e gratidão a Deus pela sobrevivência diante de um acidente, o caminhoneiro preferiu crer que o livramento do acidente sofrido ocorreu por causa do ato benevolente de uma “virgem dos milagres”. Não afirmo, contudo, que a morte do caminhoneiro tenha sido causada por uma ação diretiva de Deus, ainda que, à primeira vista, a passagem bíblica acima expresse essa ideia – não podemos desprezar o contexto histórico da narrativa de Deuteronômio.

A minha intenção é levar o leitor a refletir sobre as inúmeras vezes em que desacreditamos a ação graciosa de Deus em nossa vida, ao mesmo tempo em que entendemos que tudo o que ocorre de bom em nossa vida não passa de obra do acaso, ou então, que seja fruto dos nossos próprios méritos.

Muitas vezes confundimos autoconfiança (confiança em si mesmo) com autossuficiência (capacidade de viver sem depender de outrem), e assim, “destronamos” Deus do nosso coração e O substituímos por “outro deus”, criado à imagem da idolatria existencial que por vezes se manifesta em nós.

¹ **Libação** é o ato de derramar água, vinho, sangue ou outros líquidos com finalidade religiosa ou ritual, em honra a um deus ou divindade. Podemos observar essa prática da libação na antiga Roma ou na antiga Grécia, quando os descendentes ofereciam aos seus deuses, que eram os familiares mortos, a libação do vinho, do leite e do mel para que estes pudessem sorver o alimento de que precisavam, ainda que debaixo da terra. É uma prática comum em muitas religiões da antiguidade, incluindo o judaísmo, e continuam a ser oferecidas em várias culturas atuais (Wikipédia).

² **Fonte:** <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2011/08/29/morre-atropelado-peregrino-que-agradecia-ter-sobrevivido-a-acidente.jhtm>

A despeito de toda a nossa capacidade criativa, nunca podemos perder de vista o fato de que Deus, somente Deus, é a razão da nossa existência e permanência neste mundo. Esse é o sentido primário da passagem bíblica de Deuteronômio. E em uma narrativa anterior, no mesmo livro, há uma declaração de Deus ao povo de Israel que se aplica perfeitamente ao nosso contexto de vida:

“Não suceda que, (...) o teu coração se exalte e te esqueças do SENHOR teu Deus,... Portanto, não digas no teu coração: A minha força e a fortaleza da minha mão adquiriram-me estas riquezas. Pelo contrário, tu te lembrarás do SENHOR teu Deus, porque ele é quem te dá força para adquirires riquezas, a fim de confirmar sua aliança, que jurou a teus pais, como acontece hoje.” (Deuteronômio 8.12a, 14, 17-18 – Almeida Século 21)

Tudo o que temos e o que somos e o que um dia poderemos ser ou ter, dependerá do modo como nos relacionarmos com Deus. Não há outro alicerce no qual possamos depositar nossa confiança e vida. Foi por isso que o salmista Asafe orientou os filhos de Israel a que *“pussem em Deus a sua esperança e não se esquecessem das obras de Deus, mas guardassem os seus mandamentos e não fossem como seus pais, geração contumaz e rebelde, geração que não regeu o seu coração, e cujo espírito não foi fiel para com Deus.”* (Salmo 78.7-8).

Confiar em Deus é sentir-se seguro e despreocupado, sabendo que a nossa vida está nas mãos dAquele que tudo pode e nenhum dos pensamentos dEle pode ser impedido (cf. Jó 42.2). A confiança em Deus gera em nós um sentimento de bem-estar e segurança resultantes de possuir alguém no qual podemos descansar à sua sombra (cf. Salmo 91.1).

Ainda que a confiança em Deus não seja uma garantia de proteção automática contra qualquer e todo o tipo de mal, ainda que o ato de recusarmos a Deus não nos leve necessariamente ao caminho da pobreza e necessidade, somente quando nós confiamos em Deus é que temos esperança de que as nossas orações serão respondidas (cf. 1Crônicas 5.20), que andaremos em veredas retas (cf. Provérbios 3.5), receberemos alegria e regozijo (cf. Salmo 16.9; 33.21), e conheceremos paz interior e ausência de temor (cf. Salmo 4.8; Isaías 30.15).

Independente da nossa força e capacidade de realizar as coisas, é melhor sermos totalmente dependentes de um Deus gracioso e soberano do que sermos deixados à mercê das “virgens milagrosas” que existem apenas em nossa imaginação o quando nós amaldiçoamos a nós mesmos ao confiarmos apenas na força do nosso próprio braço (cf. Jeremias 17.5). Enfim, ter confiança em qualquer outra coisa além de Deus é visto como algo plenamente destituído de fundamento.

A confiança em Deus e não nas coisas criadas por Ele (ou por nós) é que faz a nossa vida valer a pena. Em um de seus inúmeros ensinamentos o Senhor Jesus declarou: *“Eu sou a videira, vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto, porque sem mim nada podereis fazer.”* (João 15.5).

Afinal, **em quem depositamos a nossa confiança?** Pense nisso!